



WWW.GLOBO.COM.BR / N111 FEVEREIRO 2012 / ABÍLIO DINIZ

BRASIL
GENTLEMEN'S QUARTERLY
CARTOLA INVISÍVEL
E UM DOS DEZ HOMENS
MAIS RICOS DO BRASIL

**Abílio
DINIZ**

DECLARA:
"PERTO
DO QUE SEI DE
FUTEBOL,
NÃO SEI NADA DE
NEGÓCIOS"

**TODA NUDEZ
SERÁ VIGIADA**
HACKER INVASOR DE
WEBCAM AFIRMA QUE
NENHUM COMPUTADOR
É SEGURO. NEM O SEU

BRAD PITT
"MEUS PAIS TEMIAM QUE
EU ESTIVESSE FADADO
A PASSAR A ETERNIDADE
NO INFERNÃO"

ESTILO
CASACOS
ESPECIAIS PARA
A CHUVA
+ ACESSÓRIOS
PARA USAR NO
TRABALHO OU
NO FIM DE SEMANA

VOCE É LULA
COMO FICA SUA
PERFORMANCE
DEPOIS DOS 30

TEST DRIVE
ACELERAMOS O
NOVO SUV DA
MERCEDES-BENZ

11 FEVEREIRO 2012 R\$ 15,00
00011
9 772179 871027

REPORTAGEM

SENHOR CARTOLA

DE PAULO VENTURA
FOTOS: BETO RINGNIK

60 04 FEVEREIRO 2012

Como Abílio Diniz, o dono do Pão de Açúcar, se transformou no palpiteiro menos visível e mais poderoso do futebol brasileiro

REPORTAGEM

NOITE DE QUARTA-FEIRA são quase sempre de futebol. A de 26 de outubro de 2011 era decisiva para o nada memorável ano do Tricolor paulista. Com Leão reestruturando no comando do time, o São Paulo enfrentava o paraguaio Libertad fora de casa para definir seu futuro na Copa Sul-Americana. Entrou em campo podendo perder por até um gol de diferença, mas sofreu o primeiro tento logo aos 9 minutos e foi para o intervalo em situação periclitante. Vendo de casa, o empresário Abílio Diniz não hesitou: sacou o celular e mandou orientações, via SMS, para Milton Cruz, auxiliar técnico do time.

O conteúdo da mensagem? Abílio diz que não lembra; Milton diz que não leu. "Estava sem os olhos", justificou-se ele, meio sem jeito, em uma conversa dias depois. Milton se lembra — isso, sim — de que Abílio aprovava a escalação do time para aquela partida, em especial a entrada na equipe de Marlos, o camisa 11. O meia atacante era contratado pela torcida, mas seu futebol não agradou os olhos do presidente do conselho de administração do Pão de Açúcar. Talvez a dica de Abílio tenha feito falta. O São Paulo tomou o segundo gol, perdeu do Libertad e voltou de Assunção eliminado da Sul-Americana.

Os palpites de Abílio são constantes, mas, segundo ambas as partes, bem-vindos. "Temos muito bom relacionamento e, às vezes, conversamos bastante sobre futebol. O meu diálogo com o Abílio é de alto nível", afirma o técnico Emerson Leão. "Sei conversar comigo sobre futebol não quer dizer interferir. O que nós, amigos dele, precisamos fazer é separar o inteligente do abusado." Detalhe importante: Abílio não colabora financeiramente com o São Paulo, não faz parte da diretoria e só recentemente aceitou ser membro do conselho consultivo do clube, que se reúne duas vezes por ano. Para todos os efeitos, é apenas um parceiro profissional. "Eles me respeitam, sabem que conheço [futebol] e só falo para o bem deles", diz o empresário. "O Milton fica feliz. Muitas vezes vejo coisas que ele não vê."

Se não fosse empresário, Abílio talvez fosse treinador. "Sempre fui um estrategista no futebol", conta. "Sei montar um time com dois ou três zagueiros, como jogam os volantes. Às vezes, você tem de improvisar um jogador numa posição." Milton Cruz confirma: Abílio sabe muito de esquemas táticos, conhece os jogadores e até tem uma tabela com o Brasilêiro colada na mesa do seu escritório. Hoje, se garante com um aplicativo no iPhone. Quando pode, vai ao estádio. Mas vê a maioria dos jogos pela TV. Se tem de viajar na hora de uma partida, a tia assisti-la em seu apartamento, mas acaba se irritando, porque ainda não conseguiu uma conexão (internet) rápida o suficiente. Na dúvida, manda gravar e assiste depois em sua sala de televisão — equipada com uma enorme tela central cercada por meia dúzia de televisores menores.

Mesmo no meio do ano passado, quando estava no olho do furacão em que se transformou sua tentativa de comprar o Carrefour no Brasil e fundi-lo ao Pão de Açúcar, Abílio diz que não relaxou

o monitoramento do São Paulo. Suas viagens a Paris para as tensas negociações com os franceses do varejista Casino, sócio do Pão de Açúcar, raramente duravam mais de dois dias, quase sempre entre quintas e sextas-feiras, preservando as futebolísticas noites de quarta e tardes de domingo. O Casino divide o controle do Grupo Pão de Açúcar com a família Diniz desde 2005, mas um acordo de acionistas determinou que Abílio manteria o controle sob a gestão da empresa até meados de 2012. A partir de então, caberia ao grupo francês indicar o presidente da holding e, eventualmente, formar a diretoria executiva.

O tempo contractual de Abílio está se esgotando, e sua tentativa de fusão com o Carrefour, que envolvia um complexo rearranjo acionário, foi vista como uma manobra para permanecer à frente do negócio. O plano era bom, mas esbarrou em dois obstáculos. A oposição de Jean Charles Naouri, presidente do São Paulo, e a má acolhida do projeto pela opinião pública brasileira. Para viabilizar uma fusão cuja empresa resultante teria 32% do varejo brasileiro, Abílio se associou ao BNDES, que se dispôs a liberar R\$ 4,5 bilhões. A oferta bilionária foi vista pela oposição como um presente para o empresário que, na última década, se aproximou do governo e passou a ser percebido, talvez injustamente, como um ex-inimigo do PT convertido em lulista star.

Em 1989, com o país a dias da histórica disputa eleitoral entre Collor e Lula, Abílio foi sequestrado pelo grupo chileno Movimento de Libertação Revolucionária. Fotos dos sequestradores presos com camisetas do PT foram usadas para lançar suspeitas de envolvimento do partido no crime. Mais de dez anos depois, na campanha de 2002, Abílio foi o primeiro grande empresário a declarar apoio a Lula. Em 2010, repetiu o gesto em favor da presidente Dilma. Justa ou não, a pressão da opinião pública levou o BNDES a condicionar o apoio à fusão com o Carrefour a um acordo com os sócios franceses. Estes, por sua vez, rejeitaram formalmente a proposta e forçaram Abílio a suspender temporariamente a oferta.

Agora, o clima entre brasileiros e franceses ameaça desanuviar. No final de outubro, em sua primeira aparição pública depois de centenas de dias de isolamento, Abílio sugeriu que as brigas com Naouri ficariam para trás. Suas declarações, entretanto, resultaram em um pedido formal de esclarecimentos, enviado pelo Casarém à Comissão de Valores Imobiliários. O momento atual é descrito por gente bem informada como de "trégua e negociação". Abílio é otimista quanto ao desfecho da transação. Em uma das entrevistas que concedeu para esta reportagem, em dezembro, ele limitou-se a afirmar: "Tenho certeza de que tudo vai acabar bem."

Com a aproximação do prazo final para a cessão do controle acionário para os franceses, é inevitável que cresçam as especulações sobre a possível saída de cena de Abílio do controle do Pão de Açúcar. Tecnicamente, pelos termos do contrato vigente, a nova termina no dia 22 de junho, que é quando o Casino poderá exercer o direito de compra de uma "golden share" (ação de classe especial, nominal, que é capaz de derrotar todas as demais em votações estratégicas), que pode ser de veto de Lula, pela sua ação

1
2
3
4
5
6
7
8
9

REPORTAGEM

"NESTA ALTURA DA VIDA, TENHO QUE ACREDITAR QUE SOU ETERNO, TENHO QUE CONTINUAR FAZENDO MEUS PLANOS COMO SE TIVESSE 30 ANOS"

simbólica de R\$ 1. Na prática, quem detém essa ação controla o grupo. A posição oficial do Pão de Açúcar é a de que esse movimento é esperado desde 2005 e, se for concretizado neste ano, não mudará nada na operação e na gestão da companhia. A atual cúpula da companhia acredita que, mesmo com os franceses elevados como controladores, não deverá haver mudança na diretoria executiva. E lembra que Abílio tem posição vitalícia como presidente do conselho de administração, válida enquanto gozar de boas condições de saúde e a empresa se mantiver saudável. É palpável na empresa, porém, a expectativa de que ele vai tirar um cochilo da cartola antes do prazo final.

Com jéty travesse de sono conta um segredo que não devia deixar escapar. Abílio disse recentemente para um nada de negócios: "Perto do que sei de futebol, não sei nada de negócios". Falsas modestia. Ele é representante destacado de uma geração de empresários que tem nomes como Jorge Gerulau e Antonio Ermirio de Moraes, além de Ulisses Setubal e José Mindlin, já falecidos. Pela última versão da lista de bilionários da revista *Forbes*, sua fortuna está avaliada em R\$ 3,4 bilhões, o que o coloca na nona posição entre os brasileiros mais ricos e no 32º no ranking mundial. É uma celebridade dos negócios, mesmo porque apenas do que Eike Batista e, talvez, Antonio Ermirio, que, apesar da saúde debilitada e afastado do dia a dia da Votorantim, ainda é o grande ícone empresarial brasileiro.

Já Abílio Diniz completou 75 anos no dia 28 de dezembro em plena forma e operando a plenos meios. Ele é casado com Geysa, uma economista de 39 anos que foi executiva do Grupo Pão de Açúcar. Com ela, tem uma filha de 5 anos, Rafaela, e um filho de 2, Miguel. "Nesta altura da vida, tenho de acreditar que sou eterno. Tenho que continuar fazendo meus planos como se tivesse 30 ou 40 anos de idade." Um de seus desejos é ver Rafaela entrar na igreja para se casar.

DOCEIRA PÃO DE AÇÚCAR
Abílio é o primeiro dos seis filhos de Valentim Diniz, imigrante português que, em 1948, abriu uma doceria chamada Pão de Açúcar, seguida do supermercado de mesmo nome. Foi sob o comando de Abílio, porém, que o negócio se tornou a maior companhia de varejo da América Latina, hoje com mais de 1,8 mil unidades de super e hipermercados, lojas de móveis e eletroeletrônicos, postos

de combustíveis e drogarias. Além do próprio Pão de Açúcar, as redes Casas Bahia, Ponto Frio, Extra, Assai e Eletro são controladas pelo grupo — o maior empregador privado do país, com mais de 145 mil funcionários, e presença em 20 estados brasileiros.

Abílio costuma dizer que os momentos mais sofridos de sua trajetória foram a disputa com os irmãos pelo controle do Pão de Açúcar e a crise que levou à falência. Com o choque provocado pelo Plano Collor e a recessão que veio em seguida, a companhia esteve perto de quebrar. Abílio liderou, então, uma reestruturação dolorosa: fechou um terço das lojas deficitárias e demitiu 22.700 funcionários. Depois de uma década de altos e baixos, hoje vive o melhor momento da história do Pão de Açúcar. De 2005 para cá, o grupo viu seu faturamento subir de R\$ 16 bilhões para R\$ 46,6 bilhões. "Dizem que técnico não ganha jogo. Eu digo que ganha, sim", afirma Abílio.

Talvez pela identificação com o futebo, ele admite que adora pegar no pé dos treinadores. Os problemas atuais do São Paulo, segundo Abílio, começaram em agosto de 2010, quando o presidente do clube, Juvenal Junqueira, promoveu o técnico Sérgio Barelli das categorias de base para a equipe principal: "O cara fez muita besteira até o Juvenal reconhecer [o erro] e tirá-lo de lá, cotado". Na sequência, foi contratado Paulo César Carpegiani, cuja passagem Abílio avalia como razoável. Os resultados, contudo, não melhoraram a aparecer, e a diretoria decidiu substituí-lo por Adilson Batista. "Este também foi mal, cotado", lembra o empresário. "O grande culpado disso foi o meu amigo Juvenal Junqueira", provoca Abílio. "Ele é um cara que conhece futebol e é sério. Mas está ficando um pouco mais velho, tem alguns velhos que ficam passionalistas e saem da realidade."

A discórdia é fruto da contratação de Adilson Batista, à revelia de Abílio. O troco veio em outubro, quando ele praticamente contraiu Emerson Leão. O empresário e o treinador foram parceiros de peladas no campo de futebol que Abílio tinha nos fundos do terreno onde morava, no Morumbi, no começo da década de 70. Ele jogava no gol. Leão, na época goleiro do Palmeiras e titular da seleção brasileira, jogava na linha.

ARANHA NEGRA DOS POBRES
Abílio apresentava-se para os Embates vestido de preto, como o lendário goleiro russo Lev Yashin. "Era o Aranha Negro dos pobres", brinca Leão, duro na avaliação da proficiência do amigo sob as travess. "Os caras chutavam e as vezes Abílio... não era o que a gente esperava". Para incentivá-lo, os craques reagiam com protocolos. "Tá bom, Abílio". Até que um dia Leão disse: "Não tá bom nada, Abílio. Você tem que pegar a bola, entender". Leão afirma que aqueles eram momentos de lazer e descontração. >

EM AÇÃO
1 Abílio durante uma partida no Canindé (estádio da Lusa — década de 70) 2 Em viagem de férias, 1998, esquiando em Aspen 3 Na juventude, quando foi tricampeão brasileiro de motonáutica entre 1968 e 1970 4 Também em 1970, no Autódromo de Interlagos, pilotando o Alfa Romeo da equipe Jolly, campeão das Mil Milhas Brasileiras 5 Goleiro, Abílio levanta a taça no Campeonato Interiores do Pão de Açúcar (década de 70) 6 Com Caio Mattar, diretor do GPA, no Central Park em 1998 7 Em Santos, 1989, durante o Campeonato Paulista de Triatlo 8 Praticando na quadra de tênis de sua casa, na década de 80 9 Durante uma partida de polo, também na década de 80

REPORTAGEM

"Era um deleite ver aquele outro mundo, de empresários, médicos e advogados. E eles se sentiam grandes por jogar com a gente", afirma. Abílio encontra o clima de camaradagem, mas sugere-se arma um time com dois ou três zagueiros, como jogam os volantes. Às vezes, você tem de improvisar um jogador numa posição. Milton Cruz confirma: Abílio sabe muito de esquemas táticos, conhece os jogadores e até tem uma tabela com o Brasilêiro colada na mesa do seu escritório. Hoje, se garante com um aplicativo no iPhone. Quando pode, vai ao estádio. Mas vê a maioria dos jogos pela TV. Se tem de viajar na hora de uma partida, a tia assisti-la em seu apartamento, mas acaba se irritando, porque ainda não conseguiu uma conexão (internet) rápida o suficiente. Na dúvida, manda gravar e assiste depois em sua sala de televisão — equipada com uma enorme tela central cercada por meia dúzia de televisores menores. Mesmo no meio do ano passado, quando estava no olho do furacão em que se transformou sua tentativa de comprar o Carrefour no Brasil e fundi-lo ao Pão de Açúcar, Abílio diz que não relaxou

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

RESPEITO NA VÁRZEA
O envolvimento de Abílio com esportes vem da adolescência. Menos por gosto que por necessidade. "Eu era baixo e gorducho", relata no livro *Caminhos e Escolhas*. "A única razão que me conferia alguma notoriedade no meio da meninada naquele tempo era minha habilidade no futebol." Ele era goleiro nas peladas disputadas na escola em que estudava e na calçada da sua casa na rua Tutóia, no Paraíso, onde seu pai tinha uma padaria. A vida ficou mais dura quando seu Valentim vendeu a primeira padaria, abriu outra na Liberdade e transferiu Abílio para um colégio barra-pesada na região. "Não havia dia em que eu voltasse para casa sem ter sofrido algum tipo de humilhação", diz ele. Foi quando, aos 13 anos, matriculou-se em três academias: a Ono, forte em judô, capoeira e caratê; a Zumbano, um dos principais centros de boxe do país, e a Atlas, de musculação. Resultado? "Passei a ser respeitado na Várzea do Glicério."
Aos 15 anos, foi transferido para o Mackenzie e defendeu o time de futebol do colégio durante os dois anos em que estudou ali. Reza a lenda que, àquela altura, ele era torcedor da Portuguesa e teria jogado no juvenil do clube. Quando mais velho e (mais rico), Abílio teria "virado casaca" e aderido ao São Paulo. A suposta prova da traição seria um retrato do empresário quando joga em defendendo um chute adversário empenhado no Canindé. A fotografia está no museu da Portuguesa. Vital Vieira Curto, o fundador do museu da Lusa, confirma a história, mas lamenta: "É uma pena, porque o pai dele foi uma figura importante para a Portuguesa", diz. Natural de Pomares do Jaraguá, Valentim Diniz nunca ocupou cargos no clube, mas o ajudou financeiramente e foi conselheiro vitalício. Há no Canindé um arzujo gravado com seu nome — presidente do título Comendador.

NA ÁGUA E NAS PISTAS
A partir das lutas e do futebol, Abílio mergulhou no universo dos esportes. Depois de um vice-campeão no torneio de levantamento de peso nos Jogos Universitários Paulistas, foi tricampeão brasileiro de motonáutica nos anos de 1968, 1969 e 1970. Trocou as lanchas pelos carros, venceu as Mil Milhas de Interlagos com seu irmão Alcides em 1970 e foi vice-campeão brasileiro de Fórmula Grã-Turismo em 1971. Ele corria quase profissionalmente pela Jolly, que era a importadora dos carros da Alfa Romeo para o Brasil. Ganhava horas das corridas clássicas da época, como as 12 horas e as 6 horas de Interlagos. Com o tempo, especializou-se em corridas longas e no desenvolvimento dos carros, junto com engenheiros e mecânicos. Com o crescimento do Pão de Açúcar, acabou abandonando as pistas. Mas não o futebol, que jogou até 1977 — e vive intensamente até hoje.
"Quando está colaborando contigo, imagine a responsabilidade de que ele te põe em cima", diz Leão. "Ele está acostumado a mandar e a ter êxito em tudo." Sabendo como os técnicos de futebol são zelosos de sua independência, é de se imaginar se Milton Cruz passa adiante as dicas que recebe em seu celular. "Claro que passa", diz Abílio. "Mas claro que não diz que fui eu que falei." >

64 04 FEVEREIRO 2012

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

SÓ HÁ DUAS PESSOAS CUJAS LIGAÇÕES COM ABÍLIO NUNCA DEIXAM DE ATENDER: MILTON CRUZ, DO SÃO PAULO, E O EX-PRESIDENTE LULA

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65

REPORTAGEM

64 04 FEVEREIRO 2012

PRODUÇÃO: KEVIN BARBERA

FEVEREIRO 2012 04 61

FEVEREIRO 2012 04 65</